

## ORIGINAÇÃO DEPENDENTE: UMA PERSPECTIVA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE PERCEBIDA

### DEPENDENT ORIGINATION: A PERSPECTIVE ON THE CONSTRUCTION OF PERCEIVED REALITY

ANA PAULA MARTINS GOUVEIA (\*)



(\*) **Ana Paula Martins Gouveia**, é pós-doutora em Estudos Budistas pela Universidade da Califórnia (Santa Barbara, EUA-2012) e pela Sorbonne na École Pratique des Hautes Études (Paris, França-2014), e em estudos filosóficos da comunicação pela USP (finalizado em 2015). É também mestre e doutora em ciências da comunicação pela ECA-USP, com estágio de pesquisa na Universidade de Surrey Roehampton (Londres, Inglaterra), todos realizados com o apoio da FAPESP. Morou por sete anos no mosteiro tibetano Khadro Ling no sul do Brasil, e vem se dedicando exclusivamente ao estudo da filosofia budista e à sua prática desde 2002. Através de pesquisas, viagens e retiros ao redor do mundo, sempre em companhia de eruditos e mestres da linhagem do budismo tibetano, sua formação se dá tanto a nível teórico-investigativo quanto prático, como demanda a própria tradição filosófica budista. É autora do livro “Introdução à Filosofia Budista” (Paulus, 2016), e tem diversos artigos e capítulos de livros publicados sobre este mesmo tema. Atualmente dedica-se também à tradução de textos filosóficos diretamente do tibetano para o português.

**Email:** apaulamg111@gmail.com

**Resumo:** Este breve texto, de caráter quase que exclusivamente expositivo, foi pensado para o público bastante variado presente na III Jornada de Filosofia Oriental, e não para especialistas nesta área de conhecimento específica. Devido ao ambiente estabelecido nas “jornadas” anteriores, pareceu-me que seria mais adequado fazer um estudo abrangente e não verticalizado, e expor um tema fundamental à filosofia budista como um todo, que são os doze elos de origem dependente (s. dvādaśāṅga-pratītyasamutpāda / t. rten 'brel yan lag bcu gnyis); não discutir as diferenças de perspectivas entre escolas e assim por diante, mas simplesmente expor o que eles são, baseando-me na perspectiva do budismo tibetano de uma forma geral, e em alguns especialistas contemporâneos em particular, como é o caso de Khenchen Thrangu Rinpoche (1933) e Tenzin Gyatso - o 14º Dalai Lama (1935), ligados à escola Prāsaṅgika Madhyamaka, e ainda de um dos mais importantes expoentes do budismo tibetano do século XX, Kyabje Kangyur Rinpoche (1898-1975). Além dos textos escritos, é fundamental ressaltar a importância de tradição oral nos processos de aprendizagem deste filosofar, e anotações e reflexões a partir destas transmissões também estão aqui incorporadas. O objetivo desta apresentação é apenas o de instigar a curiosidade de alguns, para que se possa dar continuidade (ou se estabelecer) às discussões sobre este tema.

**Palavras-chave:** Filosofia Budista; Originação Dependente; Práticas Contemplativas.

**Abstract:** This brief text, which is basically expository, was intended for the wide-ranging public present at the “III Meeting on Eastern Philosophy”, and not for specialists in this field of knowledge. Due to the environment established in the previous meetings, it seemed that it would be more appropriate to do a comprehensive and non-vertical study and to expose a fundamental theme to the Buddhist philosophy as a whole, which are the twelve links of dependent origination (s. dvādaśāṅga-pratītyasamutpāda / t. rten 'brel yan lag bcu gnyis). Here we will not discuss different perspectives between schools and so on, but simply to state what they are, based on sources of Tibetan Buddhism in general, and on some contemporary specialists in particular, such as Khenchen Thrangu Rinpoche (1933) and Tenzin Gyatso – the Fourteenth Dalai Lama (1935), linked to the Prāsaṅgika Madhyamaka school, and one of the most important exponents of twentieth century Tibetan Buddhism, Kyabje Kangyur Rinpoche (1898-1975). In addition to the written texts, it is essential to emphasize the importance of the oral tradition in the learning processes of this philosophy—notes and reflections from these transmissions are also incorporated here. The purpose of this presentation is only to arouse the curiosity of some, so that the discussions on this topic can be continued (or established).

**Keywords:** Buddhist Philosophy; Dependent Origination; Contemplative Practices.

## INTRODUÇÃO:

Devido ao caráter desta jornada, voltada para um público bastante variado, e não para pessoas que trabalham com ramos específicos de uma grande área de conhecimento, pareceu-me que seria mais relevante do que fazer um estudo verticalizado, dedicar esta exposição à apresentação de um tema fundamental à filosofia budista como um todo, que são os doze elos de origem dependente (s. dvādaśāṅga-pratītyasamutpāda / t. rten 'brel yan lag bcu gnyis); não discutindo as diferenças de perspectivas entre escolas e assim por diante, mas simplesmente expondo o que eles são, baseando-me na perspectiva do budismo tibetano de uma forma geral, e em alguns especialistas contemporâneos em particular, como é o caso de Khenchen Thrangu Rinpoche (1933) e Tenzin Gyatso - o Dalai Lama (1935), ligados à escola Prāsaṅgika Madhyamaka, e ainda de um dos mais importantes expoentes do budismo tibetano do século XX, Kyabje Kangyur Rinpoche (1898-1975). Além dos textos escritos, é fundamental ressaltar a importância de tradição oral nos processos de aprendizagem deste filosofar, e anotações e reflexões a partir destas transmissões também estão aqui incorporadas. O objetivo desta apresentação é apenas o de instigar a curiosidade de alguns, para que se possa dar continuidade (ou se estabelecer) às discussões sobre este tema<sup>1</sup>.

O princípio dos doze elos de origem dependente (རྟེན་འབྲེལ་ཡན་ལག་བརྒྱ་གཉིས་<sup>2</sup>) é um dos temas mais originais e importantes de toda a filosofia budista. As diferentes escolas, ainda que tenham perspectivas distintas, sempre se remetem a tal princípio, o qual se propõe a descrever o funcionamento dos fenômenos e a trazer respostas para as questões humanas mais prementes, como o nascimento, a morte e a “existência”. Este modelo foi considerado como revolucionário justamente pela sua originalidade em relação às outras perspectivas que vinham sendo desenvolvidas no contexto indiano na época de Buda. Outras questões como o sofrimento, a impermanência, a ausência de existência inerente etc., já faziam parte do universo reflexivo nas mais variadas correntes filosóficas; todavia,

---

<sup>1</sup> Gostaria de esclarecer que este texto foi elaborado para um discurso oral. Rigores e preciosismos característicos da escrita foram temporariamente postos em segundo plano, tendo sido privilegiado o discurso leve e fluído para a comunicação direta com o público presente na apresentação. Peço desculpas desde já pelas simplificações naturais a um discurso intencionalmente coloquial. Além disso, nem sempre é feita referência ao material de pesquisa sobre o assunto em cada um dos tópicos abordados, mas, para uma leitura inicial, a bibliografia aqui mencionada é recomendada; para outras indicações, deixa-se os interessados à vontade para entrar diretamente em contato com a autora deste texto.

<sup>2</sup> Para que o leitor possa se familiarizar com o alfabeto tibetano, para além da transliteração em Wylie, por vezes me utilizei do próprio tibetano, mas sempre me assegurando de que o Wylie também apareça no texto, facilitando então o trabalho de investigação daqueles que, por ventura, se interessarem pelo tema.

a elaboração e descrição do funcionamento de como relações de dependência, onde uma coisa se conecta a outra e serve como elemento detonador capaz de tornar possível todo o universo percebido (i.e., a maneira como as coisas se manifestam), tal qual ali elaborada, foi algo inédito naquele momento e, para a maioria de nós ocidentais, e mesmo em seu próprio berço asiático, continua a ser um grande desafio.



*Bhavacakra (Roda da Existência).*

*Entrada do Templo no Centro Sakya em Dehradun, Índia. 2015.*

## **BHAVACAKRA:**

Começamos então pela representação iconográfica dos 12 elos de Originação Dependente que é retratado pela Roda da Existência Condicionada, o *bhavacakra* (t. *srid pa'i 'khor lo* - སྣོད་པའི་འཁོར་ལོ་).

De acordo com o *Divyāvadāna*<sup>3</sup>, antologia de narrativas budistas, o próprio Buda teria concebido este esquema simbólico, no qual os 12 elos são representados em um círculo fechado. Buda teria dado esta ilustração ao rei Rudrāyaṇa. O *bhavacakra* é um dos símbolos mais antigos da tradição budista e funciona como uma espécie de cosmologia psicológica, é um mapa dos nossos processos internos e dos seus efeitos

---

<sup>3</sup> Sobre a representação iconográfica do *bhavacakra* ver introdução de Jeffrey Hopkins in: *The Meaning of Life*. (DALAI LAMA, 2005).

externos. Uma das razões pela qual a “Roda da Existência Condicionada” é pintada na parede de fora dos mosteiros, é que, desde aquela época, ela serve como um instrumento visual para ensinar de forma muito simples aspectos profundos da filosofia budista para um público que, em geral, tem um acesso muito restrito a eles. Mas, ainda assim, existem várias formas e níveis de compreender os ensinamentos de Buda, e esta representação pode também ser lida de muitas maneiras.

Ao ilustrar as causas por detrás da situação em que nos encontramos, condicionada e dotada de sofrimento<sup>4</sup>, a roda da existência nos revela como, através da supressão das suas causas, nós podemos superar o sofrimento que é o seu efeito. Ela nos mostra uma proposta essencialmente altruísta, através de uma descrição inquietante dos passos de como somos aprisionados neste ciclo, e de como esta compreensão serve como um chamado à ação, ao agir.

#### **DESCRIÇÃO:**

No centro desta roda estão representados os chamados três venenos, que são: a ignorância (porco), o apego (pássaro) e a aversão/agressividade (serpente), pois estes são o cerne, ou força motriz, desta roda. Estes animais se abocanham um ao outro pelo rabo formando um círculo que constantemente se autopropulsiona, a não ser que este ciclo venha a ser interrompido.

No segundo círculo está representado a *karma*: as nossas ações – “positivas” e “negativas”.

No terceiro círculo estão representados os seis reinos do *samsāra*<sup>5</sup>, uma vez que, a partir das nossas ações são geradas as condições de existência. O quarto círculo representa os doze elos da origem dependente.

A figura feroz segurando a roda representa a impermanência. É Yama, o senhor da morte, e ilustra o fato de que todo o processo da existência cíclica é transitório, tudo está fadado à impermanência. A coroa de cinco crânios simboliza os “cinco agregados” (igualmente impermanentes) que compõem o “eu”, e que são: a forma, as sensações, as

---

<sup>4</sup> É fundamental se compreender o que se entende por sofrimento neste contexto específico. Sobre o assunto ver PATRUL, 2008.

<sup>5</sup> Sobre o *samsāra* e os seis reinos mencionados há uma vastíssima bibliografia, para o contexto em questão é recomendável a sucinta exposição de John Powers. (POWERS, 2007).



percepções, as volições e a consciência. E, em algumas leituras, simbolizam também os cinco venenos mentais: ignorância, apego, aversão, orgulho e inveja/ciúme.

O terceiro olho que aparece na testa da figura simboliza a sabedoria de compreender a impermanência. Os quatro membros (que se agarram à roda) simbolizam os sofrimentos do nascimento, velhice, doença e morte. A lua acima da roda representa a libertação da existência cíclica, o *samsāra*. Buda apontando a lua indica que a libertação é possível.



#### CONTEXTO:

Dentro das perspectivas filosóficas da maioria das escolas budistas, ainda que, em termos últimos, a verdadeira natureza de todos os fenômenos seja inefável e esteja além de qualquer possibilidade de elaboração (sendo que alguns podem argumentar que a própria afirmação de que ela é inefável seja, em si mesma, uma elaboração/afirmação sobre a natureza dos mesmos, mas não vamos nos delongar sobre este ponto) existe, em termos relativos, um universo que se manifesta e é apreendido e experienciado, pela maioria das pessoas, como sendo real. É a partir deste mundo experienciado, ligado à maneira como nós percebemos os fenômenos, que se concebeu a teoria dos doze elos de

Originação Dependente, onde se descreve a forma como as coisas se manifestam e de como isso acontece em dependência. Podemos dizer que é o processo de originação dos fenômenos (e de nós mesmos, enquanto seres fenomenais/fenomênicos) que é descrito, examinado e explicado nesta teoria, segundo a qual não existe nenhum fenômeno que não seja efeito de uma originação dependente, todos os fenômenos surgem em decorrência de uma série de fatores causais, de condições.

Devemos ressaltar ainda que a Originação Dependente é subdividida em dois tipos:

- 1) A dos fenômenos externos (ཕྱི་རྒྱུ་ཚོས་ / t. *phyi 'i chos*), como é o caso, por exemplo, de uma semente que se desenvolve até se tornar uma flor.
- 2) E dos fenômenos internos (ནང་གི་རྒྱུ་ཚོས་ / t. *nang gi chos*) - os agregados que surgem de acordo com o processo descrito pelos doze elos.

É sobre este segundo tipo que vamos nos focar aqui. Os doze elos estão relacionados a esta categoria dos fenômenos internos.

De acordo com Kyabje Kangyur Rinpoche, tradicionalmente o princípio da originação dependente é explicado em cinco pontos: a necessidade deste princípio; a definição de cada um dos doze elos; as diferentes maneiras de apresentá-lo; o tempo necessário para um ciclo completo; e o método de contemplação sobre esta perspectiva. Para quem tiver interesse, estes aspectos são expostos de maneira detalhada no *Śalistamba Sūtra* - o Sūtra do Germinar do Arroz.

Mas se faz importante esclarecer que há mais de uma maneira de descrever e mesmo de ordenar os doze elos e, além disso, em alguns sūtras, podemos encontrar até mesmo um número de elos diferentes como, por exemplo, 10 ou 15. A descrição aqui apresentada, todavia, segue a maior parte dos textos relativos à escola Mahāyāna do budismo e de sua filosofia. Além disso, apesar de tratarmos de elos que vão sendo tecidos ao longo do tempo, de acordo com a mesma escola, também é possível pensá-los de forma tal que todos estes elos acontecem simultaneamente, em um único instante. Falemos então rapidamente destes cinco aspectos.

## 1. DA NECESSIDADE DO PRINCÍPIO DE ORIGINAÇÃO DEPENDENTE:

A necessidade deste princípio (de originação dependente) jaz particularmente no fato de que, ao sermos capazes de compreendê-lo, naturalmente e gradualmente nos tornaremos aptos a perceber a tessitura dos fenômenos da forma como eles vão sendo fabricados - neste caso como a sensação de “eu” é fabricada - e também de, através deste próprio esclarecimento, livrarmo-nos do sofrimento ao aplicarmos os métodos que são subjacentes a tal compreensão. Além disso, este entendimento nos torna capazes de ajudar as outras pessoas. O simples fato de compreendermos o mecanismo de funcionamento daquilo que se manifesta, nos torna aptos a experienciar e compartilhar, sem engano, tal sabedoria.

## 2. DEFINIÇÃO DE CADA UM DOS DOZE ELOS DE ORIGINAÇÃO DEPENDENTE:

Mesmo uma explicação curta sobre cada um dos elos, seria ainda muito extensa para esta apresentação, vou então quase que apenas nomeá-los, fazendo apenas algumas observações, e depois, se houver interesse, podemos nos estender sobre o assunto.



Primeiro Elo<sup>6</sup> (s. *avidyā* - t. *ma rig pa* / མ་རིག་པ་)

Ignorância: A palavra ignorância é aqui entendida no sentido de estar ligada a uma aceção errônea de nós mesmos e da natureza dos fenômenos.

São apontados dois tipos principais de ignorância:

A inerente a própria percepção de existir, também denominada de ignorância co-emergente; e a intelectualmente adquirida.

Este segundo tipo, a intelectualmente adquirida, é uma ignorância adventícia, e não é comum a todos os seres; não sendo comum a todos os seres, ela não pode ser a raiz do ciclo da existência. O primeiro tipo, a ignorância co-emergente, é comum a todos e, assim sendo, é ela que encabeça os doze elos de originação dependente.

---

<sup>6</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Uma pessoa, velha e cega, tateando com uma bengala em busca de um caminho. Simboliza uma pessoa ignorante, incapaz de perceber em que direção vai e para onde deveria ir; é a ignorância.



Segundo Elo<sup>7</sup> (s. *samskāra* - t. ‘*du byed* / འདུལྱེད་)

Formações Mentais: A palavra ‘*du byed*’ é também passível de várias traduções, mas aqui se trata de fatores condicionantes ou volições.

Devido à ignorância, primeiro elo, os seres acreditam em uma noção distorcida de “eu”, e assim acumulam três tipos de ação: positivas, negativas ou neutras. Estas são responsáveis pelas formações mentais que dão origem às nossas tendências, aos nossos hábitos, às circunstâncias da nossa vida. Estas ações plantam sementes que irão condicionar tanto as nossas experiências futuras, quanto levar ao desenvolvimento de hábitos mentais.



Terceiro Elo<sup>8</sup> (s. *vijñāna* - t. *nam par shes pa* / ནམ་པར་ཤེས་པ་)

Consciência: Devido à ignorância (1º elo) nós praticamos uma ação e esta ação planta uma semente (2º elo) em nosso fluxo mental, i.e., imprime uma condição na consciência.

Futuramente, através do condicionamento, ou seja, da semente que foi plantada em virtude das nossas ações anteriores, uma certa experiência irá ocorrer e uma certa tendência habitual terá um efeito. Temos então, tanto um potencial para passarmos por determinado tipo de experiência, quanto um potencial para agirmos de certa maneira. Estas impressões latentes são semeadas em nosso fluxo de consciência; e esta “consciência condicionada” é então o terceiro elo da cadeia, onde o termo “condicionada” se refere aqui ao fato de haver causas anteriores.

<sup>7</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Um oleiro molda um vaso em uma roda. O fazer dos potes do oleiro simbolizam as ações do corpo, da fala e da mente com as quais ele molda os efeitos futuros na roda da vida. Estas marcas kármicas, vestígios de ações, afetam os momentos presentes e os futuros através da perpetuação de hábitos e tendências, da mesma forma como a roda do oleiro continua a girar após um único impulso. Além disso, assim como um pote de barro pode ser moldado em vários tamanhos e formas, as nossas ações físicas, aquilo que dizemos e, principalmente, as nossas motivações, pensamentos, emoções, geram os mais diversos resultados, que servem como base do nosso caráter e dos nossos padrões e hábitos pessoais.

<sup>8</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Entre as representações mais frequentes, temos a de um macaco que balança no galho de uma árvore, ou a de alguém que olha pela janela. O macaco representa a nossa consciência, a forma como os nossos pensamentos e emoções vão “saltando” de um lado para outro de maneira descontrolada, e como facilmente somos seduzidos e distraídos pelos objetos dos sentidos e as sensações, como quando olhamos por uma janela.





Quarto Elo<sup>9</sup> (s. *nāma-rūpa* - t. *ming dang gzugs* /  
མིང་དང་གཟུགས་)

Nome e Forma: Aquilo que percebemos como “eu” / “si” / “si mesmo”, é composto pelos chamados cinco agregados, nomeadamente: forma, sensações, percepção, fatores condicionantes (volições), e a consciência.

A Forma: é o nosso corpo. O Nome: é o nome dado ao agrupamento dos outros quatro agregados que são tidos como mentais. Os cinco agregados criam as condições para os seis sentidos que são o quinto elo.



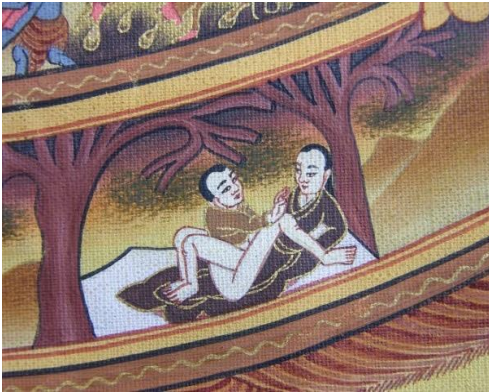
Quinto Elo<sup>10</sup> (s. *āyatana* - t. *skye mched drug* /  
སྐྱེ་མཆེད་རྒྱུག་)

Os Campos da Percepção: Podem ser classificados como seis, os seis órgãos sensoriais; ou como doze, quando também nos referimos aos seis objetos sensoriais. Eles servem como um meio para que a percepção sensorial possa surgir.

Mas eles não são as causas da percepção, mas sim as condições que possibilitam que esta aconteça.

<sup>9</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Uma ou mais pessoas em um barco. Este conjunto representa os cinco agregados que compõem a percepção do “eu”: o corpo físico, forma, é o barco; e os componentes mentais são as pessoas. A idéia de um barco também se relaciona com o “trânsito” de uma existência para a outra.

<sup>10</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Os *āyatana*s, campos dos sentidos ou bases da percepção (5º elo) são, em geral, representados por uma casa com cinco janelas (olhos, ouvidos, língua, nariz e pele/corpo) e uma porta (faculdade mental). Esta casa simboliza os seis sentidos pelos quais o mundo externo é percebido; eles são representados por uma casa vazia, porque este é um momento em que os órgãos do embrião estão se desenvolvendo, mas ainda não estão funcionando plenamente. De longe a casa parece cheia, mas, ao olharmos mais de perto, percebemos que está vazia; da mesma forma, as seis faculdades dos sentidos são vazias, pois precisam de um objeto para poderem estabelecer um contato (6º elo) e efetivamente gerar a consciência visual, auditiva, etc



Sexto Elo<sup>11</sup> (s. *sparśa* - t. *reg pa* / རེག་པ་)

Contato: É neste elo em que se estabelece a união dos objetos externos com a consciência, tendo como agente intermediário as bases da percepção. Temos então três “ingredientes” para que haja o contato:

- 1) os órgãos da percepção;
- 2) os fenômenos externos;
- 3) consciência que surge (resultante).



Sétimo Elo<sup>12</sup> (s. *vedanā* - t. *tshor ba* / མཚན་པ་)

Sensação / Sentir: Quando, através do contato, percebemos os objetos/coisas/fenômenos, estes nos provocam uma sensação; que pode ser agradável, desagradável ou neutra.

Neste sétimo elo são geradas as diferentes experiências relativas aos sentidos. Quando temos sensações de prazer e de aversão, queremos dar continuidade ou evitar aquilo, e isso leva ao oitavo elo, que é o anseio, o envolvimento, o desejo.

<sup>11</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Um casal se abraçando, representa o contato, o universo dos sentidos, o encontro dos órgãos dos sentidos com seus objetos através da consciência, que conseqüentemente levam às sensações.

<sup>12</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Uma pessoa com uma flecha no olho. Entre as várias possibilidades de leitura, esta representação simboliza que o contato gera as sensações, os sentimentos, o sentir. A experiência dolorosa da pessoa é gerada devido ao contato com um objeto, neste caso, a flecha. Sem o contato, não haveria a sensação de dor ou sofrimento.



Oitavo Elo<sup>13</sup> (s. *tr̥ṣṇā* - t. *sred pa* / རྗེདཔ་)

Anseio / Envolvimento / Desejo: Este elo trata do envolvimento que temos com o mundo que é por nós experienciado. As sensações fazem com que surja o desejo de perpetuar aquilo que é prazeroso, e evitar aquilo que é desagradável. Graças a este envolvimento inicial com este mundo subjetivo, esta sensação de desejar alguma coisa, que é o oitavo elo, acaba por nos impulsionar de forma intensa a buscar aquilo que ansiamos, e é neste momento que começa o nono elo, o apegar-se.



Nono Elo<sup>14</sup> (s. *upādāna* - t. *len pa* / ལེནཔ་)

Apegar-se / Apropriar-se: Uma vez que nós ansiamos (oitavo elo) pelas coisas, o impulso de tentar “agarrar” aquilo, de obter o objeto de desejo, é aqui chamado de apropriar-se.

Embora ambos os elos, oitavo e novo, estejam ligados à noção de desejo, cada um deles tem a sua própria função. O oitavo elo favorece o amadurecimento das sementes kármicas, enquanto o nono leva estas sementes à sua completude, e nos conecta ao elo seguinte que é o tornar-se.

---

<sup>13</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: A representação deste elo também é bastante variável, entre as mais frequentes, temos: uma mulher que oferece uma bebida a um homem; ou um homem que toma uma bebida (cerveja, vinho, etc), por vezes rodeado de garrafas vazias. Estas imagens são muitas vezes interpretadas como sendo a representação da sede, o desejo de consumir algo que parece nos fazer falta. Todavia, assim como a sede deste homem nunca é satisfeita, a pessoa que se encontra em estado de ignorância nunca se sentirá satisfeita, por mais que tenha aquilo que deseja, sempre vai ansiar por mais. Um exemplo que é utilizado para ilustrar este constante processo de insatisfação, é o de bebermos água salgada para tentar saciar a sede, por mais que bebamos todo um oceano, continuaremos sedentos, insatisfeitos.

<sup>14</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Em geral é representado por um macaco, ou um homem, arrancando um fruto de uma árvore. Após ter provado a fruta, ele se agarra à árvore sempre em busca de mais e mais; esta é uma das leituras da imagem.





Décimo Elo<sup>15</sup> (s. *bhava* - t. *srid pa* / བློ་པ་)

Vir a ser / Existência / Tornar-se / Devir: Este décimo elo é chamado “tornar-se”, pois, nesta fase, nós de fato agimos baseados nas coisas que desejamos. Nesta fase se realizam as ações físicas, verbais e mentais.

O oitavo elo, do anseio, se refere ao desejo, que nos leva ao nono elo, do apegar-se, onde de fato fazemos os planos para obter o que queremos. No décimo elo, esta decisão é executada.

Uma vez que o 10º elo é um elo de ação, ele cria karma, e é nesta sequência de eventos que surge o 11º elo, o nascimento.

A palavra *karma*, literalmente significa ação e, neste contexto, está relacionada as relações de causa e efeito que criam as circunstâncias da nossa vida.



Décimo-primeiro Elo<sup>16</sup> (s. *jāti* - t. *skye ba* / སྐྱེ་བ་)

Nascimento: O karma que foi gerado pelas nossas ações de corpo, de fala e de mente criará as condições para um novo ciclo de existência.

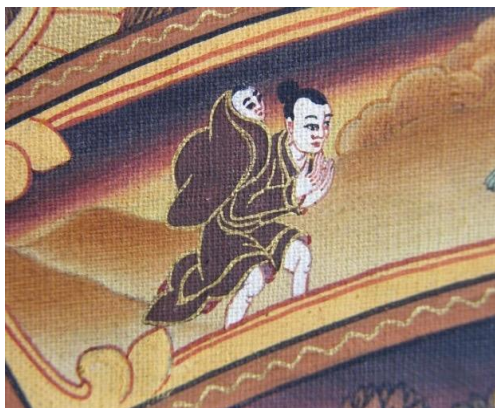
Iremos nascer, nossos corpos se desenvolverão, e nossas vidas irão se manifestar de acordo com as ações que foram acumuladas.

Este nascimento refere-se tanto ao nascimento físico, quanto à renovação constante do fluxo da consciência.

<sup>15</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Há três principais formas de representação, sendo que a mais frequente é uma noiva, mas muitas vezes também podemos encontrar um casal em relação sexual, ou ainda uma mulher grávida, sempre ilustrando esta perspectiva do tornar-se, do vir a ser, do devir.

<sup>16</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Uma mulher durante o processo de parto, representa o próprio nascimento.





Décimo-segundo Elo<sup>17</sup> (s. *jarā-maraṇa* - t. *rga shi* / ཀ་ཤི)

Envelhecimento e Morte: Neste elo, tratamos de duas situações específicas, o processo de envelhecimento e da morte. Onde o período de envelhecimento corresponde a toda a extensão da vida, ainda que se morra jovem.

A temática principal aqui abordada é justamente a do sofrimento, o qual, sendo multifacetado, percorre todo o processo do viver. O sofrimento faz parte do constante envelhecer - e de tudo o que acontece em decorrência dos nascimentos nos ciclos de existência.

Este elo novamente cria as condições para a ignorância co-emergente, tal qual tratada no primeiro dos elos e, assim, o ciclo se perpetua.

### 3. MANEIRAS DE APRESENTAR O PRINCÍPIO DA ORIGINAÇÃO DEPENDENTE:

Existem algumas maneiras tradicionais de se apresentar as teorias e princípios que fazem parte do cânone budista e de sua filosofia, assim sendo, os doze elos da Originação Dependente também se encaixam nesta tradição. Todavia, o foco desta apresentação não é a descrição destas maneiras, e este ponto foi mencionado apenas como uma forma de respeitar o modo de exposição deste princípio, e tentar fazer com que os leitores possam ter acesso a esta forma de pensamento da maneira como ela é mais frequentemente apresentada pelos próprios filósofos budistas, e não apenas os seus comentadores.

De qualquer forma: só para termos uma ideia do que se trata, as formas de apresentação estão fundamentalmente ligadas a dois pontos:

- 1) como os diversos elos se agrupam entre si
- 2) como se inter-relacionam ao longo do tempo.

---

<sup>17</sup> Representação simbólica no *bhavacakra*: Na maioria dos casos encontramos este elo representado por um cadáver sendo carregado por algumas pessoas, mas também há representações em que vemos um homem velho que caminha com uma bengala. Em qualquer um destes casos, ele serve como uma representação direta do envelhecimento e da morte.

#### 4. O TEMPO NECESSÁRIO PARA UM CICLO COMPLETO:

Dentre os tópicos ligados à forma de apresentação dos doze elos, este talvez seja um dos mais difíceis de compreender para aqueles que não estão devidamente familiarizados com este tema. Todavia, tendo a intenção de expor uma forma de pensamento em seu contexto, o julgamento que se fará sobre ela fica a critério de cada um.

Aqui a noção de tempo, e mesmo como este “acontece” no nosso fluxo mental, é bastante sofisticada<sup>18</sup>. De qualquer forma, o “tempo” para um ciclo completo está relacionado a maneira como os elos atuam ao longo da vida. São mencionadas duas possibilidades para um ciclo completo dos doze elos, o qual ocorreria em um ciclo mais longo, de três existências, ou em um mais curto, de duas existências. O número de existências está relacionado à maneira como os elos atuam em cada um dos ciclos. Aqui não entraremos em qualquer detalhe sobre o assunto, mas para os interessados, há muito material de pesquisa como poder ser visto na bibliografia sugerida.

Vale também mencionar que, como já foi dito no começo desta apresentação, apesar de tratarmos de elos que vão sendo tecidos ao longo do tempo, também é possível pensá-los de forma tal que todos estes elos acontecem simultaneamente, em um único instante.

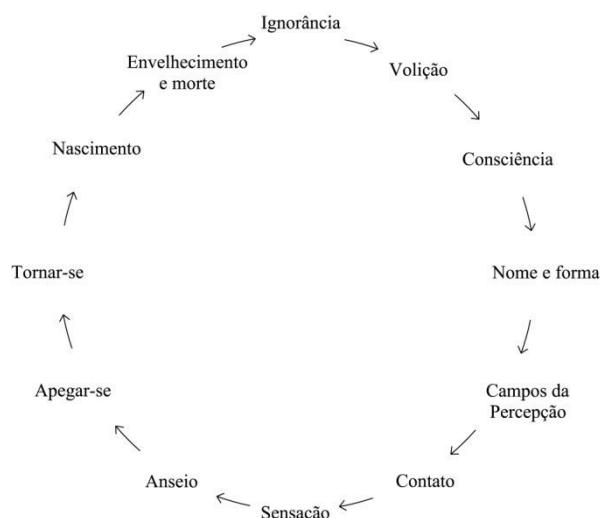
#### 5. O CULTIVO CONTEMPLATIVO SOBRE O PRINCÍPIO DA ORIGINAÇÃO DEPENDENTE:

O aspecto do cultivo contemplativo é um *condicio sine-qua-non* na proposta epistemológica e hermenêutica deste filosofar. De acordo com Longchen Yeshe Dorje, há duas formas principais de se contemplar sobre os doze elos de Originação Dependente, uma em ordem direta e a outra em ordem inversa:

Em ordem direta: Contempla-se que a ignorância dá origem a volição (os fatores condicionantes); a volição dá origem à consciência, a consciência dá origem ao nome e forma e assim por diante.

---

<sup>18</sup> Ver o trabalho sobre a forma de se pensar o Tempo em Je Tsongkhapa (1357–1419), apresentado nesta mesma jornada.



Em ordem inversa: Contempla-se que o envelhecimento e a morte surgem do nascimento e, ao interrompermos o nascimento, envelhecimento e morte também são interrompidos; por sua vez, o nascimento surge do “tornar-se”/do “vir a ser” e, assim, ao interrompermos o “vir a ser”, o nascimento também é interrompido, e assim por diante.

Estas são apenas duas entre as várias possibilidades de contemplação analítica dos doze elos. Um dos propósitos de se contemplar assim é que, a partir de tal reflexão, podemos ter uma maior compreensão, não apenas intelectual, mas também experiencial, sobre a realidade ou sobre aquilo que até então acreditávamos ser a realidade.

Na proposta aqui apresentada, só é possível saber até que ponto tal princípio é válido se, de fato, formos capazes de averiguar, por nós mesmos, aquilo que está sendo proposto. E é fundamental reconhecer que a ignorância - que é um apegar-se iludido a uma existência tida como verdadeira - é o nosso verdadeiro e inequívoco inimigo. Mas, ainda que tal ignorância tenha efeitos poderosos, ela não passa de um estado mental distorcido, e existem antídotos para tal distorção.

Como escreveu Nāgārjuna, nos “Versos Fundamentais do Caminho do Meio” (s. *mūla-madhyamaka-kārikāḥ*), o que quer que seja dependentemente originado é explicado como sendo vacuidade. Ao contemplarmos o funcionamento dos ciclos de existência através dos doze elos, nos tornamos capazes de reconhecer que a existência no saṃsāra (ciclos de existência condicionada) é ilimitada e que a base de tudo isso é justamente a ignorância. Todavia, como disse Je Tsongkhapa, um dos mais importantes filósofos tibetanos, sem a compreensão da natureza vazia de todas as coisas, da vacuidade,

inclusive de cada um destes elos, mesmo as nossas atitudes mais virtuosas podem servir como combustível para a continuidade dos ciclos.

O indiano Nāgārjuna escreve que os não-sábios são “agentes”; e os sábios, capazes de entender a vacuidade, não o são.

É dito ainda que não é possível cessar a ignorância apenas através de uma contemplação apoiada unicamente na mente convencional, somente com o uso do intelecto. É necessário se chegar a um entendimento decisivo de que a existência, à qual através da ignorância nos apegamos, é apenas uma ilusão. E esta compreensão, o desenvolvimento das nossas capacidades para entendê-la plenamente, depende então da disponibilidade em passar por três processos fundamentais: o estudo (s. śrutamayīprajñā), a reflexão crítica (s. cintāmayīprajñā) e o cultivo contemplativo (s. bhāvanāmayīprajñā). Estas três etapas são uma condição *sine-qua-non* dentro da proposta filosófica budista. Por mais que possamos perceber o que está sendo dito em termos linguísticos, lógicos e assim por diante, apenas a compreensão que vai além dos hábitos de pensar e julgar as coisas de forma dualista. É necessária a averiguação da natureza vazia dos fenômenos a partir de uma experiência direta dos mesmos.

Assim sendo, para que se possa contemplar verdadeiramente sobre os doze elos, se faz necessário um tipo muito particular de contemplação, um modelo muito distinto daqueles aos quais a maior parte de nós está acostumada.

Se queremos então fazer filosofia comparada e nos dedicarmos a verificar pontos de contato ou afastamento entre aspectos de Śāntarakṣita (725-788) e Wittgenstein (1889-1951), por exemplo, parece natural que alguém criado dentro dos moldes ocidentais queira fazê-lo a partir dos seus referenciais; mas para aqueles que de fato querem tentar compreender a filosofia budista, “em si mesma”, para poder então compará-la, talvez seja necessário fazer revisões profundas em relação à nossa maneira de ver e atuar metodologicamente quando em contato com este universo. E o cultivo contemplativo é, como dito, *condicio sine-qua-non* deste filosofar.



## CONCLUSÃO:

Tanto o princípio de causa e efeito tal qual exposto nos doze elos da Originação Dependente, quanto a noção de vacuidade que é concomitante a ele, por mais que possam parecer relativamente fáceis de compreender, são extremamente sutis, e não adianta acreditar que compreendemos aquilo que está sendo exposto pela nossa mera habilidade de memorizar, de repetir, ou ainda discorrer sobre aquilo e demonstrar alguma erudição sobre o tema. De acordo com os verdadeiros especialistas sobre o assunto, i.e., aqueles que têm experiência, é preciso seguir cada um dos passos propostos para que se possa ultrapassar o mero conhecimento e tenhamos, de fato, sabedoria.

O princípio dos Doze Elos da Originação Dependente é considerado como um dos mais importantes ensinamentos proferidos por Buda, e permeia toda a filosofia em questão e, por este motivo, é dito que ele deve ser extremamente apreciado e, principalmente, contemplado.



Quando isto é, aquilo é;  
Isto surge, aquilo surge.  
Pois assim é: devido à ignorância,  
Surgem os fatores condicionantes e o resto.  
Buddha

## REFERÊNCIAS GERAIS SOBRE O TEMA:

BLUMENTAL, James. *The Ornament of the Middle Way. A Study of the Madhyamaka Thought of Śāntarakṣita*. Ithaca, New York: Snow Lion Publications, 2004.

CABEZÓN, José I. *The Buddha's Doctrine and the Nine Vehicles. Rog Bande Sherab's Lamp of Teachings*. New York: Oxford University Press, 2013.

CARR, Brian e MAHALINGAM, Indira (ed.). *Companion Encyclopedia of Asian Philosophy*. London, NY: Routledge, 1997.

CHOGYAM TRUNGPA. *Karma and Rebirth: The Twelve Nidanas; A Sourcebook for the Shambhala School of Buddhist Studies*. USA: Vajradhatu Publications, 1972.

COZORT, Daniel & PRESTON, Craig. *Buddhist Philosophy. Losang Gönchok's Short Commentary to Jamyang Shayba's Root Text on Tenets*. Ithaca, New York: Snow Lion Publications, 2003.

DALAI LAMA. *The Meaning of Life*. Tradução e edição: Jeffrey Hopkins. New York: Three Rivers Press, 2005.

- DREYFUS, B. J. Georges. *Recognizing Reality*. Albany: State University of New York Press, 1997.
- DUDJOM (Rinpoche), Jigdel Yeshe Dorje. *The Nyingma School of Tibetan Buddhism. Its Fundamentals and History*. Tradução: Gyurme Dorje e Matthew Kapstein. Boston: Wisdom Publications, 1991.
- HADOT, Pierre. *Philosophy as a Way of Life: Spiritual Exercises from Socrates to Foucault*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 1995.
- HOPKINS, Jeffrey. *Reflections on Reality: the three natures and non-natures in the mind-only school: dynamic responses to Dzong-ka-ba's The essence of eloquence: volume 2*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- KANGYUR (Rinpoche - Longchen Yeshe Dorje) & Jigme Lingpa. *Treasury of Precious Qualities. Commentary on the Root Text of Jigme Lingpa*. Tradução: Padmakara Translation Group. Boston & London: Shambhala Publications, 2001.
- KEOWN, Damien. *Buddhism. A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- KHYENTSE, Dzongsar Jamyang. *What Makes You Not a Buddhist*. Boston & London: Shambhala, 2008.
- LONGCHEN RABJAM. *The Precious Treasury of Philosophical Systems*. California: Padma Publishing, 2007.
- MURTI, T. R. V. *The Central Philosophy of Buddhism*. London: George Allen and Unwin, 1968.
- NAGARJUNA. *Letter to a Friend*. Tradução: Padmakara Translation Group. Ithaca, New York / Boulder, Colorado: Snow Lion Publications, 2005.
- NYIMA, Thukten Losang Chökyi. *The Crystal Mirror of Philosophical Systems. A Tibetan Study of Asian Religious Thought*. Boston: Wisdom Publications, 2009.
- PATRUL (Rinpoche). *As Palavras do meu Professor Perfeito. Três Coroas*: Makara editora, 2008.
- PELDEN, Kunzang. *The Nectar of Manjushri's Speech*. Tradução: Padmakara Translation Group. Boston & London: Shambhala Publications, 2010.
- POWERS, John. *Introduction to Tibetan Buddhism*. Ithaca, New York: Snow Lion Publications, 1995/2007.
- THURMAN, Robert A.F. *Essential Tibetan Buddhism*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1995.
- TORELLA, Raffaele. *The Philosophical Traditions of India. An Appraisal*. Varanasi: Indica Books, 2011.
- WESTERHOFF, Jan. *Nāgārjuna's Madhyamaka. A Philosophical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- ZIMMER, Heinrich (ed. Joseph Campbell). *Philosophies of India*. New York: Routledge Library Editions: Buddhism, 2008. Volume 20, primeira edição: 1951.